



40 ANOS DE ATUAÇÃO DO CINDEDI: A CONSTRUÇÃO DE QUESTÕES E METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS PEQUENAS, EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO COLETIVA

40 years of CINDEDI's performance: The construction of research questions and methodologies for the investigation of the development of small children, in the context of collective education

Maria Clotilde **ROSSETTI-FERREIRA**
Departamento de Educação, Informação e
Comunicação Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo Ribeirão Preto
São Paulo, Brasil
mcrferre@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-1160-4796> 

Zilma Moraes Ramos **OLIVEIRA**
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto, Brasil
zilmaoliveira@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-8704-5030> 

Katia de Souza **AMORIM**
Departamento de Educação, Informação e
Comunicação – FFCLRP
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto, Brasil
katiamorim@ffclrp.usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-0544-6370> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Os 40 anos do CINDEDI têm sido marcados pela integração teoria, pesquisa e extensão, como modelo de Universidade. Conhecimentos e práticas são construídos coletivamente por docentes, estudantes e profissionais. Com base em estudos, questões teóricas e metodológicas destacaram-se, tendo-se elaborado uma perspectiva de análise do desenvolvimento humano – a Rede de Significações (RedSig). Ela orienta pesquisas sobre desenvolvimento e educação em instituições de educação infantil; em instituições de acolhimento para crianças sob medida de proteção judicial; crianças com necessidades especiais e, em territórios rurais, considerando especificidades dos contextos. Contribuições em termos de vídeos, livros, participações na formação de profissionais e políticas públicas finalizam essa apresentação.

PALAVRAS-CHAVE: Rede de Significações. Bebês em educação coletiva. Interação criança-criança. Crianças com necessidades especiais. Acolhimento e adoção. Crianças em territórios rurais.

ABSTRACT

The forty years of CINDEDI has been based on a dialogue between theory, research and practice as an University model. Knowledge and practices are collectively built by teachers, students and professionals. The theoretical and methodological questions raised by our studies led to the formulation of the Network of Meanings - a Perspective for Investigation of Human Developmental Processes. It guides researches on development and education on Early Child Education Institutions, on children with special needs, on adoption and foster care, and on children education in rural areas, always considering the specificities of

the contexts. CINDEDI also contributed producing videos, books, collaborating in professional in-trainings and in social policies elaboration.

KEYWORDS: Network of meanings. Early child collective education. Early peer interaction. Children with special needs. Adoption and foster care. Children in rural areas.

INTRODUÇÃO

“Diante do amável convite de Márcia e Kátia para celebrar os 30 anos do NUPEIN, eu, que fui chamada de “fada Madrinha do Núcleo”, vi o desafio de narrar os 40 anos do CINDEDI em um único artigo. O CINDEDI realiza meu sonho de uma universidade democrática, onde o saber e o poder não vêm de cima para baixo, mas vai sendo tecido por múltiplas pessoas que, com suas diferentes competências e conhecimentos, conseguem construir algo tanto na teoria como na pesquisa e na prática. Uma universidade onde há um contínuo processo de ensinar/aprender entre docentes, estudantes de todos os níveis (PD, Dr, Ms, IC) e profissionais envolvidos nos projetos; onde as ideias teóricas são construídas em interação contínua com a prática; onde os responsáveis pela ação educativa nas instituições de educação infantil buscam subsídios junto àqueles que têm mais condições de estudar e pesquisar, num contínuo e recíproco ensinar/aprender. Atuando desta forma, o CINDEDI pôde formar muitos profissionais que levaram consigo esta forma de atuar e produzir conhecimentos em uma produção coletiva”. (Clotilde, novembro de 2020).

O CINDEDI – Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e a Educação Infantil – foi inicialmente instalado no Departamento de Psicologia e Educação (FFCLRP-USP), em 1979. Desde 2017, está instalado no Departamento de Educação, Informação e Comunicação da mesma Faculdade e tem por objetivo promover pesquisas sobre desenvolvimento da criança em instituições de educação coletiva, atuar na formação de profissionais da educação, de organizações não-governamentais e de órgãos públicos, e participar de discussões e proposições de políticas sociais na/para a área da infância.

O ponto que define o trabalho do CINDEDI é a integração teoria-pesquisa-extensão como modelo de universidade que busca construir conhecimentos coletivamente por docentes, doutorandos, mestrandos, alunos de graduação e profissionais das instituições estudadas (ROSSETTI-FERREIRA, 1988). A constante apresentação dos trabalhos em andamento e os já sistematizados em encontros nacionais e internacionais, com apoio de agências de fomento - FAPESP, CNPq, CAPES e da própria USP -, contribuiu para o crescimento do grupo e para a integração de conceitos e de métodos.

Para o grupo do CINDEDI, uma teoria sobre o desenvolvimento humano, em função de seus pressupostos, consolida formas não só de compreender e estudar os processos de desenvolvimento, como também constitui as relações que lhe darão suporte e as práticas profissionais que incidirão sobre eles. Isso chama a atenção para

a responsabilidade ética do pesquisador. Isso porque, se visões teórico-metodológicas contribuem para construir realidades sociais, elas podem, por sua vez, influir, modificar e ampliar/restringir o desenvolvimento e a qualidade de vida das pessoas, podendo muitas vezes inseri-las em um movimento de exclusão, de perda de direitos.

Sempre nos preocupamos com a necessidade de confronto com outros dados apresentados por pesquisadores da área, sem deixar de lado o diálogo com autores como Schaffer, Blurton-Jones, Bowlby, Bronfenbrenner, Valsiner e outros, que nos deram as primeiras perguntas, os primeiros instrumentos de pesquisa, o olhar investigativo sobre as primeiras dúvidas em relação ao significado de *meio de desenvolvimento da criança pequena*. Este diálogo ampliou-se com o estudo de clássicos da Psicologia, em especial Vygotsky e Wallon, para quem as habilidades humanas para discriminar, memorizar, imaginar, representar, expressar afetos e muitas outras não são constituições biologicamente determinadas esperando sua maturação. Antes, insiste Vygotsky (2001), o pensamento e a consciência de si são construídos desde seu nascimento, no esforço de cada criança de interagir com parceiros diversos em práticas sociais das quais toma parte. Nessas ocasiões, ao negociar com seus parceiros os significados de suas ações em uma situação concreta, a criança confronta seus saberes, afetos e os modifica. A partir destas e outras leituras, em especial da Psicolinguística, Filosofia e Sociologia da Infância, entendemos o desenvolvimento humano como um “processo que envolve coconstrução nas e através das interações que as pessoas estabelecem em cenários específicos, os quais são socialmente regulados e culturalmente organizados” (AMORIM, 2002, p. 2).

Essas concepções e a realização de uma série de estudos pelo grupo do CINDEDI serviram de base para a construção de uma perspectiva de análise do desenvolvimento humano – a *Rede de Significações (RedSig)* (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000, 2004). Esta contempla o paradigma da complexidade e possibilita que o foco de análise de uma situação se coloque nas interações que as pessoas estabelecem em contextos concretos, especialmente nos organizados pelos adultos conforme suas concepções sobre família, maternidade, paternidade, desenvolvimento infantil e como promovê-lo, concepções permeadas por uma matriz sócio-histórica impregnada de significações, que têm materialidade no aqui e agora das relações.

Extenso número de investigadores, tanto do grupo, como de fora dele, se utilizaram da RedSig em monografias, TCCs, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Houve ampla publicação de artigos em revistas indexadas e capítulos de livro, além da publicação de um livro específico *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento*

humano (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004), em 2004. Compôs também um capítulo no *Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology* (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2007), livro que teve como meta apresentar algumas das principais contribuições contemporâneas na área, dentro da abordagem histórico-cultural.

Ao trazer a trajetória do CINDEDI, em particular a construção da Rede de Significações, reconhece-se que ela se fez nas condições universitárias e políticas que marcaram os anos de constituição do grupo e abrigou ramificações das linhas de pesquisa para temas e realidades diversas, sem perder a linha teórico-metodológica que o grupo construiu e continua aprimorando.

Com base nesses pontos, temos procurado pesquisar e orientar a educação e o cuidado de crianças pequenas em instituições de educação coletiva, a creche e pré-escola; ainda, pesquisar e orientar estudos em instituições de acolhimento de crianças sob medida de proteção judicial e em territórios rurais, buscando contribuir para o desenvolvimento da criança em diversos contextos.

PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A CRECHE COMO MEIO DE DESENVOLVIMENTO

O envolvimento inicial dos pesquisadores do CINDEDI com o tema creche e crianças se iniciou no final da década de 1970, momento em que ocorriam vibrantes manifestações em defesa dos direitos da mulher na sociedade ocidental. Sendo um grupo então formado principalmente por mulheres, era uma agenda política analisar as possibilidades abertas à conciliação do papel de mãe e de trabalhadora, dando o devido olhar para a criança.

O desafio era manter uma visão crítica em relação às concepções então existentes. Teorias psicológicas que valorizam a família como contexto primordial de desenvolvimento da criança têm subsidiado normativas e leis internacionais e nacionais a defender o direito da criança à convivência familiar e comunitária. Em particular, a Teoria do Apego, concepção da Psicologia do Desenvolvimento elaborada por Bowlby (1969) e Ainsworth (AINSWORTH et al. 1978), contribuiu e ainda tem contribuído para fundamentar algumas práticas e políticas de educação infantil e de proteção à infância. A Teoria do Apego ressalta a importância do estabelecimento de vínculos afetivos com as figuras parentais para o desenvolvimento saudável da criança. Aponta também para os efeitos nocivos ao desenvolvimento causados pela ausência ou alternância dessas figuras e da convivência familiar, como acontece nos casos de hospitalização e de institucionalização prolongada de crianças.

Bowlby acreditava no desenvolvimento de um forte vínculo dos bebês com a figura materna, nos seus primeiros doze meses de vida. Concebia o vínculo como um laço relativamente duradouro que se estabelecia com um parceiro (particularmente com a mãe), ao qual o bebê se liga emocionalmente (BOWLBY, 1969). Seus estudos sobre o vínculo entre mãe e filho ressaltam a importância dessa dinâmica afetiva, pois através de sua experiência em receber apoio, cooperação e conforto de sua mãe, forma-se na criança a confiança nos outros e no ambiente. Isto favoreceria a formação de um modelo interno, o qual é acionado no estabelecimento dos relacionamentos futuros. Esse modelo se relaciona à forma pela qual a pessoa reage a diversos eventos de sua vida, tais como rejeições, perdas e separações, sendo que essas reações seriam possibilidades de repetição ou reedição do vivido.

A Teoria de Apego introduziu uma série de ideias que prevalecem no imaginário popular. Ademais, introduziu sérias restrições à análise dos relacionamentos com múltiplos outros vínculos significativos, como pai, avós, irmãos, tios, outras crianças, educadoras, os quais também exercem papel crucial no cuidado, proteção, socialização e ensino de bebês e crianças pequenas. (ROSSETTI-FERREIRA; COSTA, 2012).

Os argumentos de Bowlby foram empregados na limitação do trabalho feminino, servindo de contrapontos a argumentos que propunham que creches poderiam ser bons mediadores ao desenvolvimento infantil, conforme apontaram pesquisadores brasileiros (CARVALHO; CARVALHO, 1990; CARVALHO; PEDROSA, 1993; PEDROSA, 1989) e estrangeiros (FIORANI; MUSATTI, 1986; RAYNA, 1987; STAMBACK; VERBA, 1986).

Os estudos iniciais do grupo do CINDEDI sobre a creche se deram nas décadas de 1970 e 1980, ao investigar creches filantrópicas da região de Ribeirão Preto - SP (não havia creches públicas na região nessa época). O objetivo era avaliar, a partir de registros observacionais, se havia nelas o que era entendido como cuidado materno substitutivo adequado. Porém, o estudo apontou à existência de um ambiente interacional extremamente pobre. Por ter um grande número de crianças a seu encargo, as educadoras proviam apenas cuidados físicos básicos, impunham ordem e disciplina, e não tinham disponibilidade para uma interação mais individualizada e afetiva com as crianças. Os espaços vazios das creches, com poucos brinquedos à disposição das crianças, não favoreciam o desenvolvimento de atividades e brincadeiras entre elas.

Durante o trabalho de intervenção e treinamentos com as educadoras, procurávamos, com poucos resultados, estimulá-las a aproveitar cada oportunidade para interagir com as crianças, sobretudo durante a realização de atividades de rotina, como na hora de dar banho ou trocar. Essa proposta, que se mostrou inviável na

situação concreta que as educadoras enfrentavam, aumentava o tempo de espera das outras crianças, que aguardavam sua vez para serem atendidas (SECAF-SILVEIRA et al., 1987). Anos mais tarde, dados na mesma direção foram apontados por pesquisa sobre avaliação da qualidade do trabalho em creches brasileiras realizadas pela Fundação Carlos Chagas (MALTA CAMPOS; FULLGRAF; WIGGERS, 2006).

O estudo efetivado fez rever a noção de apego. O modelo de cuidado e estimulação individual, tal como o provido pela mãe ou outra figura afetiva adulta em uma família nuclear, destacado pelos teóricos que se baseavam na teoria do apego, mostrava-se inadequado para se pensar a situação de creches como contexto de desenvolvimento. Ficava claro que o olhar para o desenvolvimento das crianças na creche exigia abordagens que ampliassem a discussão para além da díade mãe-criança ou da criança-adulto (o adulto em um papel materno-substitutivo). Era importante considerar a diversidade de arranjos familiares atuais, as possibilidades abertas pela interação criança-criança, até então pouco reconhecida e incentivada, além das possibilidades de mediação do desenvolvimento que poderiam ser atribuídas ao ambiente físico e simbólico da creche e/ou às concepções e atitudes dos educadores, dentre outros fatores (ROSSETTI-FERREIRA, 1988), posição inspirada no conceito de *meio* proposto por Wallon (1959).

Para compreender o conceito de *meio* walloniano, tornou-se importante verificar como se dava a construção da criança pequena enquanto sujeito, quando ela passava grande parte do tempo de vigília em um ambiente onde é menor a possibilidade de envolver-se em atividades com adultos ou parceiros mais experientes que lhe garantam um atendimento mais individualizado; ainda, onde predominam oportunidades de interação com coetâneos. Com essa preocupação, nosso grupo de pesquisa passou a investigar também as interações que as crianças estabelecem com parceiros de idade em creches.

ESTUDOS SOBRE AS INTERAÇÕES CRIANÇA-CRIANÇA

Estudar as interações de bebês e crianças pequenas levou ao exame do *status* dessas investigações na Psicologia. A tendência adotada pelas Ciências Sociais, no final do século XIX e início do século XX, de voltar-se ao mundo das relações ao invés de estudar fatos isolados, criou novas explicações sobre o desenvolvimento humano, enfatizando a ideia de *interação social*. Nas décadas de 1920 e 1930, com a elaboração de métodos de observação, de experimentação e sociométricos, interações de crianças

foram objeto de interesse na Psicologia, interesse que declinou por quase 40 anos, seguido por uma retomada na década de 1970 com diversas preocupações (RUTANEN, 2007). Ora investigavam respostas dirigidas aos parceiros (olhar, sorriso, vocalização, entrega ou tomada de objeto etc.) de forma pouco contextualizada, ora estudavam a ocorrência de comunicação entre crianças, vista como a formulação e o entendimento de mensagens por parceiros já constituídos. Muitas vezes, o processo interativo era encarado de forma excessivamente linear, expresso em algumas poucas categorias, que não apreendiam sua dinâmica de ser e se modificar.

Preocupação básica era posta em uma metodologia dita rigorosa, capaz de controlar variáveis e garantir replicações com o delineamento de situações experimentais que, por serem excessivamente planejadas, chegavam a perder sua validade ecológica. Predominava o exame estatístico de correlações, investigava-se categorias-produto, sem compreender sua gênese. Mostrava que as crianças interagem, mas não explicavam como e por que o faziam. (OLIVEIRA, 2011)

Neste olhar metodológico, a capacidade de interação da criança pequena com o coetâneo era pouco reconhecida, os comportamentos socialmente orientados das crianças eram vistos como isolados, sem articulações que permitissem interações mais longas e sustentáveis. Entendia-se que, por não serem capazes de perceber os desejos ou intenções do parceiro, de se ajustar ao que ele propõe, de negociar um acordo conjunto, era difícil para essas crianças estabelecerem interações mais duradouras.

Utilizando-se de novas metodologias de análise de interações com emprego de videografações e da informática no armazenamento de dados relacionados com a experiência infantil em um determinado contexto de atividade, alguns estudiosos apontaram que a atividade e a interação de crianças bem pequenas não dependeriam apenas do seu nível de competência cognitiva ou linguística, havendo ricas interações criadas inclusive por bebês no contexto de creches de boa qualidade e com companheiros já conhecidos (CAMAIONI, 1980; STAMBAK; VERBA, 1986; RAYNA, 1987), o que abria novas possibilidades de olhar para seu desenvolvimento.

Para compreender a relação entre condições de vida, formas culturais de interação e desenvolvimento psicológico e discutir a ideia de interação social de uma perspectiva que a entende como ação partilhada ocorrendo em contextos sócio históricos, foi recuperado o conceito de papel (OLIVEIRA 1988, 2001, 2011), criado na tradição sociogenética (BALDWIN, 1895, 1897; BERGSON, 1889; JAMES, 1890; JANET, 1929; MORENO, 1946) e também presente nos trabalhos de Politzer (1928), Vygotsky (2000/1929), Mead (1934) e Wallon (1959). Estes autores trouxeram olhares mais

relacionais para explicar o desenvolvimento da consciência e da subjetividade, mas seus argumentos foram sendo substituídos por algum tempo pelos que pregavam uma visão isolada e descontextualizada dos atores sociais, visão essa hoje contestada.

Na construção de uma visão dialógica da interação, considerou-se que, desde o nascimento, a criança pequena é colocada em uma matriz social – sua família nuclear e extensa, e depois vizinhança, a creche, a pré-escola – onde, nas ações com parceiros ocupando variados papéis são gerados significados que são atribuídos, assumidos, negados e recriados pela criança e seus parceiros na própria interação, onde cada papel assumido pelos parceiros só é entendido na totalidade de cada situação que as interações deles criam. Dada esta concepção dinâmica das interações infantis, foi construída uma forma de análise microgenética das interações de dois pequenos grupos de crianças de 2 e 3 anos, um com 5 e o outro com 8 crianças, observadas ao longo de doze meses, em uma creche municipal que atendia filhos de famílias de baixa renda. Usando o conceito de *jogo de papéis* (OLIVEIRA, 1988; 2001), buscou-se captar a natureza dialógica das interações observadas e gravadas em vídeo que foram transcritas com descrição detalhada de gestos, posturas, verbalizações, objetos e parceiros, analisadas de forma sincrônica e diacrônica, considerando a totalidade da situação: as crianças, o espaço físico, os objetos e a rotina da unidade educacional. As análises apontaram que as interações estabelecidas pelas crianças mais novas eram guiadas principalmente por imitações dos parceiros e oposições a eles, com uso expressivo de gestos, movimentos corporais e expressões, e mediadas principalmente por objetos. Já no grupo de 3 anos, a linguagem verbal já se mostrava o mediador privilegiado utilizado pelas crianças para construir a situação com seus significados (OLIVEIRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993)

Esta linha de investigação foi ampliada e outras pesquisas sobre interações incluíram crianças de 13 a 16 meses nos momentos em que o almoço era servido na creche (PAULA, 1994) e crianças de 4 e 5 anos em brincadeira de escolinha (GONÇALVES, 1996). Elas apontaram para a sucessiva articulação das ações infantis no aqui-e-agora das situações, com reprodução criativa de rotinas vivenciadas. Reunindo os dados destas investigações com a análise de um diário adolescente, Oliveira e Valsiner (1997) apontaram como a noção de *jogo de papéis* possibilitava investigar a construção da imaginação e da subjetividade pela criança pequena e pelo adolescente.

Considerando que, nas situações estudadas, outras crianças eram os companheiros mais disponíveis para a interação, embora o adulto continuasse a ter o

papel de apoio e de referência em situações estressantes, novas pesquisas foram realizadas para responder que elementos favoreceriam a ampliação das interações dos pares de idade em uma creche.

A partir dos estudos de Legendre (1989) em creches francesas, chamando a atenção para a configuração do espaço, Campos de Carvalho e Rubiano (1996), usando estantes baixas de madeira para estruturar zonas circunscritas em espaços de uma creche, observaram as crianças antes e depois de mudanças no arranjo espacial. O minucioso trabalho de registro dos dados observados apontou que essa estruturação, por construir zonas onde um pequeno grupo de crianças se reunia, mostrava-se potente para ampliar as interações e a participação das crianças de 2 e 3 anos em atividades compartilhadas com parceiros preferenciais. Esta constatação, construída em um modelo de investigação denominado *experimento ecológico*, foi ampliada considerando que zonas estruturadas podiam ser construídas com vários materiais e texturas, pela construção de tuneis e outros cenários em áreas externas (CAMPOS DE CARVALHO; ROSSETTI-FERREIRA, 1993). Outro estudo investigou a relação entre arranjos espaciais em creches e as trocas sociais de crianças de 1 e 2 anos e apontou à interdependência dos arranjos com as interações dos bebês, sendo que, em espaços mais estruturados, os bebês assumiam papel ora de espectador da ação do outro, ora de ator individual. (BOMFIM, 2006)

Outra fonte de mediação do desenvolvimento examinada foi o ambiente físico e social da creche, sua estrutura organizacional e econômica guiada por funções, regras, rotinas e horários específicos, com marcas da história geral e local, entrelaçadas com seus objetivos, os sistemas de valores, as concepções e as regras de cada instituição. O estudo de creches de diferentes estruturas e formas de manutenção - creche direta, indireta e conveniada - em uma mesma região da cidade, apontou ao entrelaçamento de argumentos usados pelas dirigentes para explicar a função social da instituição, que era de certa forma resultado do avanço do discurso sobre creches na rede direta, mas com pouco impacto no funcionamento de cada creche e na valorização das interações das crianças (OLIVEIRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1989).

FORMULAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE DE DESENVOLVIMENTO DA RELAÇÃO BEBÊ-CRECHE-FAMÍLIA: A REDE DE SIGNIFICAÇÕES

Interessados em estruturar novo referencial para análise do comportamento infantil, pesquisadores do CINDEDI investigaram como a relação bebê-família-creche

era significada por diferentes atores no processo de acolhimento inicial do bebê na creche e que elementos eram importantes para que essa relação se distensionasse e novas relações, novos papéis e novas concepções fossem construídas no processo de acolhimento. Para tanto, grupo de pesquisadores acompanhou por um ano o processo de integração de bebês, de suas famílias e das educadoras na Creche Carochinha filiada à COSEAS-USP, em Ribeirão Preto.

À época, o estudo contou com importante mediação da diretora da Creche – Ana Maria Mello – e envolveu entrevistas realizadas com as mães, professoras e técnicas da Carochinha, além do registro em vídeo das ações e interações de crianças-foco com diferentes parceiros (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; VITÓRIA, 1994, 1996, 1997). O estudo destacou como uma matriz sócio histórica empresta sentido a práticas e discursos contraditórios, conflitantes, por vezes ambíguos, dos participantes, que os articulam e os modificam no aqui-e-agora dos processos dialógicos que estabelecem (AMORIM, 1997; AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004). Esse olhar abriu novas perspectivas para orientar a relação dos educadores com as famílias de modo mais acolhedor e foi ainda fundamental na investigação do estado de saúde das crianças e de seus hábitos de alimentação no período de acolhimento, documentadas pelas educadoras da creche, analisando possíveis respostas ao estresse frente à separação dos familiares e à rotina de um novo ambiente.

Compreendendo os processos de desenvolvimento como sendo contextualizados e sistêmicos, passou-se a considerá-los a partir de uma visão de *sistemas dinâmicos* imersos em e circunscritos por redes de pessoas, contextos e significações inerentes aos processos. Esse foi um passo fundamental para a proposição de uma *perspectiva teórico-metodológica* que incorporou as noções do paradigma da complexidade de Edgar Morin (1990), de funcionamento sistêmico, multideterminado e dinâmico defendido por Urie Bronfenbrenner (1977); incorporou ainda noção de desenvolvimento como processo circunscrito/canalizado e indeterminadamente determinado (VALSINER, 1987), através de conflitos, crises e processos dialógicos (BAKHTIN, 1981) e semioticamente mergulhados (VYGOTSKY, 2001). Desse modo, a pessoa, o contexto e o outro participam ativamente do processo e contribuem para a constituição da pessoa e da própria situação (WALLON, 1959).

O referencial teórico-metodológico da RedSig tem contribuído para se apreender determinados elementos participantes das situações e para acompanhar os processos de desenvolvimento no tempo/espço. Frente às possibilidades dadas, os registros e as

análises se desdobraram tanto em metodologias quantitativas, como qualitativas, implicando em análises estatísticas, microgenéticas ou análise dos discursos e de documentos, dentre outros. A depender do objeto do estudo e da pergunta formulada, o pesquisador – como um ferramenteiro – pode usar diferentes recursos e procedimentos para orientar sua ação investigativa. (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004; ROSSETTI-FERREIRA et. al., 2008).

Posteriormente, buscou-se verificar se as proposições da RedSig contribuíam à análise de outros processos de desenvolvimento, testando seus limites, lacunas e aberturas. Investigou-se assim não só pessoas em transformação, mas mudanças em processos psicossociais envolvendo a educação infantil, a educação especial, a adoção/abrigamento, acompanhando tais processos através da análise de documentos e legislação. Esses procedimentos implicaram em expressivo tempo de coleta e volume de dados, o que levou a compor Bancos de Dados a serem utilizados de forma colaborativa por diferentes pesquisadores.

ESTUDOS SOBRE O BEBÊ NA CRECHE

Desdobrando-se das questões levantadas pelas investigações anteriores, passou a ser realizado um conjunto de pesquisas ligadas ao desenvolvimento de bebês e crianças pequenas em ambientes naturalísticos (como a creche), com base na perspectiva da *Rede de Significações*, conduzindo análise microgenética das interações de bebês de cinco a treze meses de idade. Com base nessa perspectiva, estudos de bebês fundamentados em procedimentos de registro de situações de vida diária, acompanhados semanal ou quinzenalmente por períodos de até um ano, buscaram apreender, em condições cotidianas das crianças, fatores sociais e interpessoais de desenvolvimento e suas motivações. O registro da transformação dos comportamentos infantis no âmbito motor, da linguagem, de habilidades expressivas, atenção conjunta, interacional ou outros por meio de análise microgenética de videograções, possibilitou observar capacidades já presentes ao longo dos dois primeiros anos de vida.

Tais estudos apontaram ao fato de que, apesar de não terem ainda adquirido linguagem e pensamento verbais, eles agem e se comunicam de forma “culturalmente” adequada que é, segundo Fogel (1993), uma ação reconhecida e interpretada por outros como contendo um padrão da comunidade, independente de alguém ter ou não a intenção de realizá-la ou, mesmo, de entender o que está fazendo (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2008a; 2008b). Os bebês modificam seu comportamento de

acordo com as diferentes pessoas do entorno, agem e se relacionam, mantendo as formas de ação já construídas com a família, ao mesmo tempo que passam a negociar diferentes posições e relações com os diferentes interlocutores, em ambos os contextos (lar e creche) (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2008b). Ou seja, desde muito cedo já se vislumbra nas ações infantis o desempenho de alguns papéis construídos nas interações com outros atores (OLIVEIRA, 1988).

Verificou-se que a apreensão/expressão de significações pelos bebês ocorre de forma ligada a processos de expressividade emocional e de percepção-ação (GIBSON, 1966; AMORIM, 2012). A significação que fazem não equivale a uma representação mental, mas se materializa *no e por meio do* corpo, enquanto corporeidade. Nesta perspectiva, o corpo não representa uma instância individualizante que interage com o mundo “externo”, já que o mundo não existe “lá fora”, pois o bebê é parte constitutiva do mundo e está com ele intimamente conectado em um processo dialógico relacional. O corpo representa a situada interligação eu-outro, a constituição da subjetividade sendo considerada como dependente do outro, da história e da cultura. (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2008a; 2008b)

Discutiu-se assim que a aquisição de diversas habilidades nos primeiros anos de vida representa apropriar-se de ferramentas culturais e significações sociais que acabam por alterar os próprios bebês, pois nas experiências vividas e ao perceberem o entorno, eles não percebem somente o ambiente, mas percebem eles próprios nesse ambiente. Assim o significado de determinada interação para um sistema vivo não é dado de fora, mas representa o resultado da organização e história desse sistema. Essa compreensão tem suporte na noção de dialogismo do pensamento bakhtiniano e levou a uma aproximação mais radical com a noção de alteridade, em que o outro não é alguém fora de mim e estranho a mim, mas alguém que contribui para o processo de construção de um eu que somente existe a partir do olhar do outro (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2008a). Essa consideração amplia bastante as análises feitas sobre as interações de crianças com dois ou mais anos de idade definidas como jogos de papel (OLIVEIRA, 1988, 2011).

Dentro dessa complexidade de análise, alguns estudos avançaram e lançaram foco nos processos interativos do bebê com seus pares de idade (ANJOS et al. 2004; AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; COSTA; AMORIM, 2015; SANTOS; AMORIM, 2018). O grande número de dados destes estudos mostrou habilidades expressivas e relacionais presentes desde muito cedo e “diálogos mudos” entre os bebês, em que se dão negociações, constituição de papeis, processos de significação,

dentre outros (AMORIM, 2012). Eles revelaram interações frequentes, breves, fluidas e ininterruptas (FRANCHI E VASCONCELOS et al., 2003). Essas interações iniciavam com os bebês fazendo algo e incluíam comportamentos regulados mesmo à distância quando outras crianças participavam de atividades, mesmo se o bebê não percebesse o comportamento do parceiro (CARVALHO; IMPÉRIO-HAMBURGUER; PEDROSA, 1996). Foram observados comportamentos de demonstração de empatia ao prestar conforto a um outro bebê que chora; a preferência do bebê por determinado bebê para estabelecimento de interações e a construção de uma história afetiva; além do papel do contexto e da cultura na lide com os bebês.

Os estudos levaram à construção de referenciais conceituais sobre o bebê em creche que, no diálogo com um rol pesquisadores e profissionais da educação infantil nacionais, levaram à ampla defesa das instituições creche como podendo representar espaços privilegiados de desenvolvimento (AMORIM et al, 2020). Ainda, se desdobraram em estudo internacional que investiga o complexo processo de transição quando os bebês passam de um cuidado mais centrado no ambiente familiar, para aquele compartilhado com instituições de educação infantil (WHITE et al, 2020). Questões éticas, tanto dos procedimentos de registro em gravação de vídeo, quanto no sentido de construir uma relação pesquisador-participante foram consideradas, já que usualmente se trabalha em contextos que envolvem participantes em situação de vulnerabilidade (AMORIM; DENTZ; COSTA, 2018).

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM OUTROS CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO

Estudos sobre adoção e vivências de crianças em instituições de acolhimento e famílias acolhedoras

O afastamento da exclusividade de foco nas interações mãe-bebê abriu questões sobre vínculos na primeira infância, considerando uma diversidade de relações (como pai e irmãos, demais familiares, pares de criança, cuidadoras, gestoras, profissionais da saúde etc.). Assim, alguns dos nossos estudos passaram a estudar processos interacionais em campos informais de educação, tais como famílias adotantes e instituições de acolhimento, o que possibilitou construir novos olhares sobre vínculos criança-família, escolhas e representações das famílias adotantes (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2008).

O acolhimento de crianças e adolescentes em situação de desproteção ou vulnerabilidade, seja em instituições, em famílias temporárias ou adotivas, tem exigido pesquisas comprometidas com a produção de conhecimento, especialmente para a Psicologia do Desenvolvimento, visto as muitas contradições presentes nos discursos e nas práticas dos profissionais que atuam na área (operadores sociais ou do direito), como também entre as famílias que acolhem ou entre os educadores de abrigos.

Não se deve confundir o contexto da creche com o das instituições de acolhimento, pois na creche a família compartilha com as educadoras os cuidados dos filhos, enquanto que no acolhimento a família está parcial ou totalmente ausente ou afastada. Pode-se afirmar, no entanto, que as concepções e práticas institucionais em ambos os contextos se assemelham quando as crianças atendidas são pauperizadas (ROSSETTI-FERREIRA; COSTA, 2012). As redes de significações que permeiam tais políticas e práticas de acolhimento historicamente esbarram em certas ideias predominantes sobre desenvolvimento normal/anormal, fatores de risco/fatores protetores e sobre a concepção de que a instituição familiar é a ideal para o desenvolvimento da criança.

Em 2006, em consonância com a discussão nacional sobre o reordenamento das instituições de acolhimento e implantação do acolhimento familiar como medida de proteção a ser priorizada, pesquisadores do CINDEDI criaram o GIAAA – Grupo de Investigação sobre Acolhimento Familiar, Abrigamento e Adoção – que teve seu foco inicial voltado para pesquisa da adoção, acompanhando o protagonismo que ela assumia no cenário brasileiro (inclusive com trâmite no Congresso Nacional da Lei de Adoção), o que requeria estudos que acompanhassem a inserção de crianças nesse novo contexto familiar (DARAHM; SILVA; COSTA, 2009).

Nessa perspectiva, projetos mapearam tanto os autos jurídicos de adoções entre 1991 a 2000 junto à Vara de Infância e Juventude de Ribeirão Preto (MARIANO; ROSSETTI-FERREIRA, 2008), como os processos de inserção de bebês em famílias adotantes e a construção de relações afetivas nessas famílias (ELTINK, 2006; MINGORANCE, 2006), os sentidos construídos de maternidade e paternidade que podem emergir em casos de adoção tardia (COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2007; COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2009b), a fala da criança sobre seu processo de adoção (SÓLON, 2006; SÓLON; COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2008), a entrega da criança e as adoções prontas (MARIANO; ROSSETTI-FERREIRA, 2008), a paternidade adotiva (ANDRADE; COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2006) e a trajetória escolar de crianças adotadas sob a perspectiva de pais e professores (CASTRO, 2008).

Os pesquisadores realizaram um levantamento do estado da arte do acolhimento familiar no estado de São Paulo e investigaram as relações afetivas e de apego estabelecidas entre a criança, a família acolhedora e a família de origem (COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2009A; MARTINS; COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2010). Foram mapeados os abrigos de Ribeirão Preto que atendiam crianças de 0 a 6 anos (SERRANO, 2008), assim como foram realizados estudos da narrativa de crianças institucionalizadas sobre seu processo de abrigamento (SILVA; SÓLON; ROSSETTI-FERREIRA, 2008), sobre sua aprendizagem escolar (BUFFA; PAULI; ROSSETTI-FERREIRA, 2008) e sobre a sua rede de relações, inclusive no caso de irmãos (MAEHARA; ALMEIDA; ROSSETTI-FERREIRA, 2009; ALMEIDA; ROSSETTI-FERREIRA, 2009). Almeida, I. G. (2014) abordou o importante processo de recepção e acolhida da criança em instituições de acolhimento, questionando seu papel de proteção ou (re)vitimização.

Sob a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, as pesquisas do GIAAA evidenciaram a frequente (re)violação da criança acolhida, a “invisibilidade” da sua família de origem, as falhas na Rede de Proteção, as significações sobre “família saudável” e o papel das concepções sobre apego que permeiam o campo e as visões teórico-metodológicas da área (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2011; ROSSETTI-FERREIRA; COSTA, 2012). Tais visões contribuem para construir realidades sociais que podem influir, modificar e restringir o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças e adolescentes envolvidos, muitas vezes inserindo-os em um movimento de maior exclusão.

Nos contextos institucionais de acolhimento, discutiu-se a invisibilidade dos bebês tanto legalmente como nos estudos conduzidos no campo (MOURA; AMORIM, 2013). Estudou-se em função disso, os modos de relação estabelecidos pelas crianças e cuidadoras. Estas, ao atuar em instituições amplamente guiadas pelas noções propagadas sobre o papel materno no processo de desenvolvimento e da constituição do apego, acabam por evitar a construção de relações, particularmente, relações afetivas com as crianças. Na ideia de que “quem não pega não se apegar” (MOURA; AMORIM, 2018), abre-se um pernicioso espaço de lacunas relacionais significativas ao desenvolvimento, mostrando-se necessário investir na superação de práticas de cuidado mecanizadas, que se limitam à manutenção da vida, desconsiderando seu papel socializador. Nessa lacuna criada, analisou-se as relações de cuidado feito pelas crianças aos pares (CARVALHO; MOURA; AMORIM, 2019).

As questões evidenciadas trazem implicações urgentes no campo da intervenção, abrindo-se o debate sobre a necessidade de radicais alterações ligadas aos

cuidados/educação das crianças em espaços institucionais, onde ou ainda se considera o adulto o principal parceiro, ou se defende não ser benéfica a relação afetiva ao desenvolvimento das crianças em situação de institucionalização.

Estudos sobre o desenvolvimento de crianças com deficiências

Nesse campo, investigou-se crianças com Paralisia Cerebral na escola regular (YAZLLE, 2000; YAZLLE; AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2004) e discursos de psicólogos e professores acerca dos processos de inclusão social e escolar destas crianças. Tais estudos evidenciaram processos de exclusão que, como consequência, levavam à construção social daquela deficiência. O que os profissionais falavam para a família ao diagnosticarem algum tipo de problema na criança influenciava fortemente as interações dos pais e familiares com ela, afetando as condições de cuidados e de desenvolvimento que lhe eram propiciadas (RORIZ; AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2005).

As pesquisas realizadas acabaram por evidenciar que a Educação Especial e a Educação Inclusiva se mostram como um campo permeado por fortes contradições, tensões e limites. Embora, devido às novas legislações ligadas a deficiências e transtornos de desenvolvimento, as instituições escolares passaram a receber/acolher crianças/pessoas com necessidades especiais, um grande contingente de profissionais da educação ainda continua trabalhando a partir de noções oriundas da psicologia do “excepcional”, ancoradas numa abordagem organicista já superada.

Trabalham dessa forma a partir das noções de deficiência, em que vários dos interlocutores tomam um aspecto das crianças (a deficiência) pelo todo, desqualificando inclusive áreas “preservadas” no seu desenvolvimento (SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2010). A meta educacional usual nessa situação é a de se trabalhar com a criança “deficiente” para que ela chegue “o mais próximo possível de uma criança dita normal”, do que decorre que, no fundo, a criança nunca chegará a ter as mesmas condições, devendo atuar na vida dentro de um esquadro marcado por seu limite inferior (AMORIM, 2019). Toma-se a perspectiva epigenética (WADDINGTON, 1957), que compreende o desenvolvimento como se dando através de uma sucessão em ordem sequencial e de integração progressiva, com aumento da complexidade da organização funcional da pessoa. Aceitam que existem sequências necessárias de desenvolvimento, cada uma com seu programa e momento de aparecimento, para a emergência de propriedades e competências estruturais e funcionais. Trazem implícita uma noção de estrutura que,

além de uma perspectiva teleológica, considera um caminho definido a seguir e um lugar determinado a se alcançar, o que pode levar a considerar que, no caso das crianças com necessidades especiais, o desenvolvimento estará inerentemente prejudicado (AMORIM, 2019).

Com práticas derivadas de tais pressupostos sobre desenvolvimento, de alguma maneira os deficientes visuais poderiam estar fadados ao fracasso de seu desenvolvimento, quando se considera que, para a aquisição da linguagem e construção da cognição social infantil, é essencial o desenvolvimento da “atenção conjunta”, habilidade que tem sido teoricamente discutida a partir do papel da visão. Crianças com Paralisia Cerebral poderiam estar fadadas ao fracasso de seu desenvolvimento, quando se considera que, para a constituição da criança e de sua relação com o meio, são essenciais as manifestações de deslocamento e mobilidade, pelas experiências que delas decorrem. Estariam também fadadas ao fracasso aquelas que têm diminuição ou perda da audição, quando se considera a audição essencial e caminho único para aquisição da linguagem e acesso do universo semiótico.

Mas, ao se acompanhar crianças com Paralisia Cerebral, deficiência visual e intelectual, além de surdez - através de videogravações por períodos de semanas a meses, em ambientes naturalísticos - pesquisas buscaram compreender como pensar a deficiência, não enquanto um prejuízo inerente e indelével, mas como uma particularidade da pessoa que tem, ao mesmo tempo, outros potenciais. Partindo-se da noção de corporeidade (AMORIM; ROSSETTI-FERREIRA, 2008b), estudo com criança cega apontou que se considerarmos que as percepções não derivam de um único *locus* (visão, por exemplo), sendo elas entrelaçadas com a audição, o tato e háptica e constituídas através da intercorporeidade, pode-se considerar possível o desenvolvimento da atenção conjunta através de recursos que não o visual (COLUS; AMORIM, 2019). Ou que, através de vários recursos de percepção-ação, em que todo o corpo é perceptivo/expressivo, pode ser trabalhada a aquisição de linguagem (não verbal) e do universo semiótico, possibilitando à criança seu desenvolvimento pessoal, relacional e social (RODRIGUES, 2007).

Esses questionamentos e os estudos desdobrados se ancoraram na noção de plasticidade cerebral (KOLB; GIBB, 2011) que vem sendo bastante investigada, principalmente pelas neurociências com a utilização de novos e avançados recursos tecnológicos, os quais têm possibilitado um acompanhamento dos processos de formação e maturação cerebrais. Apontam eles que a mielinização e organização neuronal ocorrem em função do significado funcional da estimulação recebida, sendo

que o ambiente contribui para construir o próprio cérebro. Experiências e aprendizagens ampliariam quantitativamente e qualitativamente o espaço de estados neurais com a emergência de novos sistemas neurais e de atividades neurônicas na vida do indivíduo. Com adequados recursos e processos relacionais com a criança que apresenta uma deficiência, pode-se promover determinadas reestruturações. Exemplo pode ser verificado no caso da aquisição da linguagem em surdo que se comunica através de linguagem de sinais, em que área cerebral da linguagem é deslocada da auditiva à visual, compondo novas estruturas. Ao invés de pensar que só um tipo de trajetória é possível ao desenvolvimento, passa-se a considerar como possível caminhar através de campos potenciais alternativos, tal como discutia Vygotsky (2011) ao tratar dos fundamentos da Defectologia.

Pesquisas sobre a educação de bebês e crianças pequenas em territórios rurais

Uma linha de investigação sobre a educação infantil nos territórios rurais foi iniciada em 2007. A aproximação de membros do CINDEDI a esse contexto se deu, inicialmente, por atividades de extensão demandadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região de Ribeirão Preto (SP). Ações de formação de educadores populares para o trabalho com as crianças aconteciam organicamente articuladas às práticas de educação coletiva e não formal no espaço denominado pelo movimento social de Ciranda Infantil (SILVA et al., 2016). “A partir de aportes da perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento humano, aquele contexto de formação de crianças e jovens foi compreendido como uma prática social situada em uma comunidade, em que adultos procuravam mediar, às gerações mais novas, seus espaços, seus tempos, suas atividades e seus modos de ser” (A.P.S. SILVA, 2016, p. 19).

Dessa experiência, desdobraram-se vários trabalhos de pesquisa sobre práticas educativas de bebês e crianças pequenas, além de outras atividades de extensão realizadas por alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado (MADLUM, 2012; J. B. SILVA, 2012; LIMA, 2012; M. O. ARAÚJO, 2013; T. V. ARAÚJO, 2014; A. C. O. SILVA, 2016). “Os resultados apontaram que o cenário de serviços e de equipamentos, na conjunção com as dinâmicas de vida em área rural, circunscrevia as condições das experiências e de desenvolvimento das crianças nas comunidades investigadas” (A. P. S. SILVA, 2016, p. 20).

A pesquisa de Lima (2012), por exemplo, que investigou a relação entre a Educação Infantil e as famílias do campo, identificou um conjunto de aspectos que geravam diferenças e tensões entre as significações das famílias e das profissionais da educação infantil. Algumas particularidades que circunscreviam as significações diziam respeito ao transporte escolar perigoso, à rotatividade das famílias das crianças matriculadas em virtude das dinâmicas de trabalho e emprego no campo, às longas distâncias entre as moradias e a escola, à defesa pelas famílias entrevistadas de idades ideais para ingresso na educação infantil, à mobilidade das famílias para a área urbana como investimento em uma possível melhor educação para as crianças. Por sua vez, as profissionais nutriam uma concepção negativa das famílias que permeava as relações família – escola.

Indicadores sobre a idade ideal para a matrícula da criança em creche também apareceram na pesquisa realizada por Madlum (2012) em um assentamento da reforma agrária; associavam-se, para a decisão de matrícula da criança, as avaliações das famílias sobre as condições de oferta da vaga e a fala como marcador de possibilidade de manifestação e proteção da criança pequena em ambiente coletivo.

Quando considerada a vivência das crianças na comunidade, M. O. Araújo (2013) descreveu um cenário de interações das crianças de 0 a 3 anos de idade com parceiros (crianças e adultos) de diferentes idades e reconheceu a grande mobilidade da criança pequena entre os espaços de produção e comercialização dos produtos. Essa movimentação das crianças e essa vivência enriquecida por muitos parceiros de diferentes idades também foi levantada por A. C. O. Silva (2016), em um acampamento da reforma agrária.

Questões relativas ao gênero, à imigração e às brincadeiras com elementos naturais também apareceram na mediação das práticas de cuidado e educação das crianças de 0 a 6 anos. As pesquisas de Madlum (2012), M. O. Araújo (2013) e A. C. O. Silva (2016) permitiram conhecer que, se as formas de organização familiar e os cuidados e educação das crianças pequenas mostraram-se centradas na figura materna, havia, contudo, uma grande variedade de pessoas presentes na vida das crianças, dadas as configurações socioespaciais nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária e as dinâmicas de produção cooperada. Também a circulação das crianças era uma característica de destaque; no caso dos assentamentos, essa circulação acontecia entre os espaços de produção e comercialização dos produtos e, nas áreas de acampamento, entre o campo e a cidade” (A.P.S. SILVA 2016, p. 20).

As investigações de J.B. Silva (2012) e T.V. Araújo (2014) sobre a educação formal das crianças “indicaram que as significações de professores, gestores, familiares e crianças acerca da vivência no campo, da oferta de vagas e das práticas pedagógicas no interior das instituições educacionais estavam permeadas pelo tensionamento constitutivo entre aspectos que a literatura em Psicologia e Educação já apontava como presentes em áreas urbanas (antecipação de práticas do ensino fundamental na educação infantil; distanciamento da escola em relação às demandas das famílias; menor atendimento à criança de 0 a 3 anos de idade em educação infantil) e aqueles peculiares aos contextos investigados (imaginário marcado pela relação entre natureza e rural; a dispersão territorial e a inserção produtiva das famílias incidindo nas relações família-escola)” (A. P. S. SILVA, 2016, p. 20). As vivências das crianças nem sempre eram tomadas como pontos de partida ou como referência para o trabalho pedagógico, distanciando o cotidiano da educação infantil daquele que constitui o desenvolvimento cultural da criança.

O conjunto das pesquisas foi revelando que os processos aos quais o grupo de pesquisa teve contato “delineavam um contexto estruturador das atividades e rotinas das crianças e famílias, caracterizado por dinâmicas que se aparentavam comuns a outros contextos, mas, ao mesmo tempo, pareciam próprias se consideradas em suas particularidades” (SILVA, 2016, p. 20). Assim, as realidades investigadas não se mostravam nem totalmente diferentes e nem idênticas ao urbano e “interrogavam sobre as intersubjetividades possíveis de serem inscritas em diferentes ruralidades e urbanidades e sobre os limites dos referenciais adotados para tratar das relações de (des)continuidade entre os modos de vida rural e urbano” (A. P. S. SILVA, 2016, p.21).

Foram essas interrogações sobre o papel da produção do socioespaço que expandiram essa linha de investigação, que passou a se interessar pela pesquisa de aspectos gerais e locais das vivências de sujeitos localizados espaço-temporalmente. Nasce dela o Laboratório de Psicologia Socioambiental e Práticas Educativas (LAPSAPE/FFCLRP-USP), que busca compreender os **processos psicossociais** constituídos *nas* e *pelas* dinâmicas globais em tensão com as localidades, a produzir homogeneidades e ao mesmo tempo singularidades nos sujeitos, nos grupos territorializados e nas relações entre eles. Nesse movimento, as relações intergeracionais e as práticas educativas mediadas pelos processos de (re)produção do espaço e as diferenciações geracionais e etárias nas vivências de processos socioambientais passaram a ser centrais para o LAPSAPE/FFCLRP-USP (sites.usp.br/lapsape), que carrega o DNA do CINDEDI.

Integração teoria-pesquisa-extensão

Para o grupo do CINDEDI não há como se investigar situações sem o compromisso social de uma intervenção efetiva. A produção do vídeo *A arte de varrer para debaixo do tapete* (INEP, 1983) e a publicação do livro *Creches: crianças, faz-de-conta & Cia* (OLIVEIRA et al., 1992) foram os primeiros de uma lista de produções trazendo as reflexões das pesquisas para a comunidade. Dentre outros trabalhos - como oficinas sobre a reorganização de creches com a construção de cantinhos, palestras ministradas pelos cindedianos a grupos de formação de educadores - nosso grupo, com participação destacada de Ana Mello e os técnicos e educadores da Carochinha em colaboração com o CINDEDI, elaborou o livro *Os fazeres na educação infantil* (ROSSETTI-FERREIRA et al., 1998). Elaborou ainda uma coletânea de vídeos sobre práticas de Educação Infantil, inclusive um sobre *Adaptações na educação infantil* em 1991. Realizou-se ainda um vídeo sobre os processos ligados às interações de pares de bebês no "Bebê interage com bebê?" (2007).

Em 2012, Ana Carvalho e Maria Isabel Pedrosa, Clotilde Rossetti-Ferreira publicaram o livro "Aprendendo com a Criança de zero a seis anos", escrito em um linguajar de fácil acesso a quem se interessar pelo tema, baseado em pesquisas. O grupo de pesquisadores do CINDEDI/GIAAA produziu a série de vídeos *Proteção Integral à Criança e ao Adolescente*, que integram entrevistas com pais, profissionais e pesquisadores com desenhos animados. São eles: *Que casa é essa? O abrigo enquanto um acolhimento de qualidade à criança e ao adolescente* (2007), *Delicada escolha: uma família para a criança e uma criança para a família* (2008), *Diferentes adoções: uma nova cultura de acolhimento* (2008), *A gente volta para casa? Reflexões sobre a reintegração familiar* (2009). Todos os vídeos são acompanhados de um livreto explicativo, aprofundando o tema para discussões em grupos profissionais. A linguagem do vídeo e do livreto também é simples, propiciando uma fácil compreensão para qualquer pessoa, enquanto zela pela qualidade de excelência e primor científico do CINDEDI.

Todos os vídeos produzidos pelo CINDEDI são encontrados no Canal CINDEDI do Youtube ou no site do grupo de pesquisa (www.cindedi.com.br), estando à disposição à população de interesse, como estudantes de direito, psicologia, pedagogia, professores, gestores de educação infantil, serviço social, educadores de abrigo, voluntários, professores e pais. Também no site são disponibilizados os livros

“Redes de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano” (2004) e “O Acolhimento Institucional na Perspectiva da Criança” (2011) de M. C. Rossetti-Ferreira, S. A. Serrano, I. G. Almeida (Orgs.).

Contribuições à educação infantil

A trajetória de pesquisa do CINDEDI procurou contribuir para a educação infantil na revisão de concepções teóricas, procedimentos metodológicos de estudo e pesquisa. Buscou também trabalhar na seleção e no fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras da aprendizagem e do desenvolvimento de crianças em creches e pré-escolas; e, ainda, atuar na formação inicial e continuada de profissionais que atuam na educação infantil, na discussão de políticas de educação e em assessoria a órgãos públicos.

A análise da construção do projeto educacional da Creche Carochinha, que atende filhos de funcionários, docentes e alunos da USP em Ribeirão Preto (MELLO, 1999), apontou que os modelos assistencial e escolar influenciaram as propostas pedagógicas para crianças abaixo de três anos elaboradas em nível municipal, estadual e federal no período de 1984 a 1998. Condenando o divórcio entre o educar e o cuidar, e a organização curricular segundo áreas de conhecimento, proposta pelo RCNEI para a educação de criança abaixo de três anos, presentes nas propostas analisadas, Mello destacou três eixos essenciais na organização do trabalho com crianças de zero a três anos: a construção da identidade, a construção da intimidade e a educação para o meio ambiente.

A temática da avaliação da qualidade da educação infantil, embora estivesse subjacente a todos os estudos citados, foi objeto do trabalho de Mara Ignez Campos Carvalho, que coordenou uma adaptação para o Brasil das escalas ITERS e ECERS, e objeto de reflexão sobre avaliação e promoção da qualidade da educação infantil (PIOTTO et al., 1998). Na mesma linha, Noronha (2008) analisou indicadores de qualidade para creches, apontados em documentos nacionais e estrangeiros a partir da perspectiva ecológica de Bronfenbrenner. Seu trabalho reforçou a compreensão de que a qualidade do atendimento na educação infantil deve incluir não apenas o contexto imediato da instituição, com destaque às interações que aí se estabelecem, mas também aspectos mais distais, como a política que orienta este atendimento.

Ao longo desta trajetória ficou claro que o maior desafio no aprimoramento das condições e ambientes de desenvolvimento da criança pequena é transformar a

representação que muitos adultos, em particular os educadores e psicólogos, têm sobre as interações de crianças pequenas, saindo de uma perspectiva centrada no olhar do adulto, construída a partir de suas experiências escolares ocorridas em geral em um modelo autoritário e que aponta para uma visão unidirecional de ensino, do professor para a criança. Outro ponto essencial das pesquisas orientadas pela perspectiva da RedSig foi a iluminação da corporeidade e do caráter dialógico presente nos jogos de papéis que levam a que desde cedo as crianças se apropriam em práticas cotidianas. Tais contribuições reforçam a noção de protagonismo infantil e tornam-se elementos essenciais para a compreensão do conceito de *experiência* (Perezivanie, como discutido em Vygotsky) como constituinte curricular.

Em relação à Educação Infantil, os trabalhos do CINDEDI apresentados em livros, artigos, vídeos, palestras puderam:

1. Desenvolver uma perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações que orienta pesquisadores, professores e estudantes na investigação sobre os processos de desenvolvimento.
2. Contribuir para transformar a representação que muitos adultos, em particular os educadores e psicólogos, têm sobre as interações de crianças pequenas e consolidar uma concepção de aprendizagem e desenvolvimento que considera a criança como alguém ativo e capaz de se relacionar com outros seres humanos desde muito cedo, guiando-se por significações que ela vai tecendo em sua experiência com parceiros diversos com os quais interage em práticas culturais que podem ser uma situação de refeição, de brincadeiras, de leitura de histórias etc.
3. Destacar a noção de meio de desenvolvimento como referência para a compreensão do desenvolvimento infantil e para elaboração de novas práticas de trabalho docente e de acompanhamento e avaliação das crianças, utilizando a noção de mediação para orientar a estruturação dos ambientes, das atividades e a compreensão das ações infantis na escolha de objetos e de parceiros no desempenho de determinado papel.
4. Compreender que a criança constrói formas mais complexas de consciência conforme, na interação com diferentes parceiros, se apropria em sua ação do significado de determinado objeto, da fala de um parceiro e se utiliza da sua memória de situações. Ocasões em que, desde pequenas, as crianças interagem com outras crianças, imitam-se, criam diálogos, disputam objetos, brigam ou se consolam, são preciosos momentos de desenvolvimento que possibilitam não apenas a construção de informações e habilidades e conhecimento sobre objetos do mundo como muitos

professores propõem, mas possibilitam a elaboração de uma ética, uma estética, uma noção de igualdade política e uma singularidade histórica e leva também à redefinição do papel do professor na garantia da iniciativa infantil.

5. Ressaltar a noção de corporeidade como recurso teórico e metodológico para a análise de processos de desenvolvimento que envolvem o bebê, a criança pequena e a criança com deficiência, em suas situadas relações.

6. Apontar para a necessidade de se rever concepções e práticas em relação às crianças com deficiências, reconhecendo o modo como a plasticidade cerebral pode possibilitar novos caminhos para as vivências e as aprendizagens destas crianças.

7. Sensibilizar os educadores em relação às crianças adotadas ou em processo de acolhimento matriculadas nas unidades de educação infantil, com empatia para elas e suas famílias (de origem e adotantes) e atitudes que lhes garantam seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

8. Visibilizar as condições materiais e simbólicas que permeiam as práticas educativas formais e não formais e constituem os processos de desenvolvimento de bebês e crianças pequenas em territórios rurais, refletindo sobre o lugar ocupado pelos bebês e crianças nesses espaços.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Mary Dinsmore Salter; BLEHAR, Mary.C; WATERS, Everett; WALL, Sally. **Patterns of attachment**. New Jersey: Lawrence Erlbaun Associates, 1978.

ALMEIDA, Ivy Gonçalves. **Processo de recepção e acolhida da criança em instituições de acolhimento: proteção ou (re)vitimização?** 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto FFCLRP, Universidade de São Paulo, 2014.

ALMEIDA, Ivy Gonçalves; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Rede de relações sociais e relacionamento entre irmãos: a perspectiva da criança em acolhimento institucional (p. 15-16). In: **Resumos do XIII Encontro Científico do CINDEDI**, 2009, Ribeirão Preto: CINDEDI, p. 15-16.

AMORIM, Kátia de Souza. **Processo de construção de relações, papéis e concepções a partir da inserção de bebês na creche**. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1997.

AMORIM, Kátia de Souza. **Bebês com Quadros Orgânicos Patológicos na Creche: rede de significados, mediadores das práticas de cuidados**. 2002. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

AMORIM, Kátia de Souza. Processos de Significação no Primeiro Ano de Vida. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n.1, p. 45-53, 2012.

AMORIM, Kátia de Souza. **Intersubjetividade, corporeidade e significação no desenvolvimento do bebê**. Prova pública oral de Concurso de Professor Titular – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2019.

AMORIM, Kátia de Souza; ANJOS, Adriana Maria; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Processos interativos de bebês em creche. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 378-389, 2012.

AMORIM, Kátia de Souza; DENTZ, Marisa Von; COSTA, Natália Meireles Santos. Videogravação nas Ciências Humanas: O dilema entre potencial da imagem e direito de preservação da identidade. In: Maria Inês da Silva LEME Simone CAGNIN; Sérgio Antônio da Silva LEITE. (Org.). **Pesquisa aplicada em Psicologia**: implicações éticas. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 13-48.

AMORIM, Kátia de Souza; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A matriz sócio-histórica. In: Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA; Kátia de Souza AMORIM; Ana Paula Soares da SILVA; Ana Maria Almeida CARVALHO (Orgs.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, p. 93-112, 2004.

AMORIM, Kátia de Souza; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Dialogismo e a investigação de processos desenvolvimentais humanos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 235-250. 2008a.

AMORIM, Kátia de Souza; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Corporeidade, significação e o primeiro ano de vida. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, p. 67-81. 2008b.

AMORIM, Kátia de Souza *et al.* Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. **Teoria e prática da educação**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 22-35, 2020.

ANDRADE, Rayla Pereira; COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 16, n. 34, p. 241-252, 2006.

ANJOS, Adriana Mara. *et al.* Estudo de processos interativos de bebês. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 513-522, 2004.

ARAÚJO, Marcela Oliveira. **O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos de idade de uma comunidade rural**: significações e práticas familiares. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2013.

ARAÚJO, Thaise Vieira. **Gestores Educacionais e Educação Infantil do Campo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2014.

- BAKHTIN, Mikhail. Discourse in the novel. In: Michael HOLQUIST (Ed.). **The dialogic imagination: Four essays**. Austin: University of Texas Press, 1981/1934. p. 259-422.
- BALDWIN, James Mark. The origin of a "thing" and its nature. **Psychological Review**, Washington, v. 2, n. 6, p. 551-572, 1895.
- BALDWIN, James Mark. Determinate Evolution. **Psychological Review**, Washington, n. 4, p. 393-401, 1897.
- BERGSON, Henri. **Essai sur les données immédiates de la conscience**. Paris: PUF, 1889.
- BOMFIM, Josiane. **Trocas sociais de crianças de 1 – 2 anos e arranjos espaciais em creches**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2006.
- BOWLBY, John. **Attachment and Loss**. New York: Basic Books, 1969.
- BRONFENBRENNER, Urie. Toward an Experimental Ecology of Human Development. **American Psychologist**, 1977. p. 513-531.
- BUFFA, Carolina Gobato; PAULI, Sueli Cristina; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Narrativas de crianças e adolescentes adotados e/ou institucionalizados com dificuldade de aprendizagem: uma análise a partir da perspectiva da Rede de Significações. In: **Resumos do XII Encontro Científico do CINDEDI**, 2008, Ribeirão Preto: CINDEDI, p. 10-11.
- CAMAIONI, Luigia. **L'interazione tra bambini**. Roma: Armando Armando. 1980.
- CAMPOS DE CARVALHO, Mara Ignez; RUBIANO, Marcia Bonagamba. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: Zilma Moraes Ramos Oliveira (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**, 1996, 3ª. ed. São Paulo: Cortez, p. 107-130.
- CAMPOS DE CARVALHO, Mara Ignez; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Importance of spatial arrangements for young children in day care centers. **Children's Environments**, v. 10, n. 1, p. 19-30, 1993.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida; CARVALHO, João Eduardo de Carvalho. Estratégias de aproximação social em crianças de dois a seis anos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 117-26, 1990.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida; IMPÉRIO-HAMBURGER, Amélia; PEDROSA, Maria Isabel. Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos. **Publicações IFUSP**, São Paulo, p. 1- 34, 1996.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida; PEDROSA, Maria Isabel. Comforting behavior in young children: implications to the ontogeny of empathy. In: **Abstracts of 12th ISSBD Biennial Meetings**, Recife: UFPE, 1993. p. 54.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

CARVALHO, Cintia; MOURA, Gabriela Garcia; AMORIM, Kátia de Souza. Práticas de cuidado de crianças com bebês em instituição de acolhimento. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora: v. 13, n. 3, p. 48-72, 2019.

CASTRO, Leticia Fonseca Reis Ferreira. **A trajetória escolar de crianças adotadas: A perspectiva de pais e professores**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2008.

COLUS, Kátia; AMORIM, Kátia de Souza. O estabelecimento da atenção conjunta em um bebê com deficiência visual severa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, e3541, 2019.

COSTA, Carolina Alexandre; AMORIM, Kátia de Souza. Abreviação em Relações de Bebês com seus Pares de Idade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, n. 31, n. 1, p. 15-23, 2015.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 425-434, 2007.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Acolhimento Familiar: uma alternativa de proteção para crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 1110118, 2009a.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Becoming mother and father in late adoption: a case study. **Child and Family Social Work**, v. 14, n. 1, p. 58-67, 2009b.

DARAHM, Gabriela Campos; SILVA, Ana Paula Soares; COSTA, Nina Rosa do Amaral. Da teoria do apego à Rede de Significações: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira e a psicologia do desenvolvimento brasileira. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 191-207, 2009.

ELTINK, Caroline. **Escolhas na adoção**: o processo de acolhimento da criança na família adotiva. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2006.

FIORANI, Anna; MUSATTI, Tullia. L'inserimento del bambino al nido e il processo di socializzazione tra coetanei. In: Tullia MUSATTI & Suzana MANTOVANI (Orgs.). **Stare insieme al nido: relazioni sociali e interventi educativi**. Juvenilia, 1986.

FOGEL, Alan. **Developing through relationships**. Chicago: University Chicago Press, 1993.

FRANCHI E VASCONCELOS, Cleido Roberto; AMORIM, Kátia de Souza; ANJOS, Adriana Mara. & ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A incompletude como virtude: interação

de bebês na creche. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, p. 293 – 301, 2003.

GIBSON, James Jerome. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

GONÇALVES, Marlene Fagundes de Carvalho. **Brincar de escolinha: a construção da representação na interação de crianças em creches**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

JAMES, William. **Principles of Psychology**. New York: Holt, 1890.

JANET, Pierre. **L' evolution psychologique de la personnalité**. Paris: A. Chachine, 1929.

KOLB, Bryan; GIBB, Robbin. Brain Plasticity and Behaviour in the Developing Brain. **J Can Acad Child Adolesc Psychiatry**, Ottawa, v. 20, n. 4, p. 265–276, 2011.

LEGENDRE, Allan. Young children's social competences and their use of spaces in day-care centers. *In*: Barry. H. Schneider *et al.* (Eds.). **Social competence in developmental perspective**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 263-276.

LIMA, Luciana Pereira. **A relação entre a Educação Infantil e as famílias do campo**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2012.

MADLUM, Leticia Verardi. **Famílias moradoras em assentamento rural: sentidos de creche e escolhas dessa modalidade de educação para seus filhos de 0 a 3 anos de idade**. 2012. Monografia Graduação (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2012.

MAEHARA, Nivea Passos; ALMEIDA, Ivy Gonçalves; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Conhecendo a rede de relações da criança abrigada: um estudo exploratório. **Resumos do XIII Encontro Científico do CINDEDI**. Ribeirão Preto: CINDEDI, 2009. p. 21.

MALTA-CAMPOS, Maria; FULFRAFF, Josette; WIGGERS, Verena. A qualidade da educação infantil: alguns resultados de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 87-128, 2006.

MARIANO, Fernanda Neisa; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-19, 2008.

MARTINS, Lara Barros; COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Acolhimento familiar: a caracterização de um programa. **Paidéia**, v. 20, n. 47, p. 359-370, 2010.

MEAD, George Herbert. **Espiritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 1934/1972.

MINGORANCE, Regina Claudia. **A construção das relações afetivas durante a inserção do bebê na família adotiva**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2006.

MELLO, Ana Maria Araujo. **Histórias da Creche Carochinha - uma experiência com crianças abaixo de 3 anos em creche**. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1999.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. Buenos Aires, Hormé, 1946/1974.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1990.

MOURA, Gabriela Garcia; AMORIM, Kátia de Souza. A (in)visibilidade dos bebês na discussão sobre acolhimento institucional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n. 18, p. 235-245, 2013.

MOURA, Gabriela Garcia; AMORIM, Kátia de Souza. Interações de bebês em acolhimento familiar e institucional: dois estudos exploratórios. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 23. 2018, DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23i0.40287>.

NORONHA, Tatiana. **Qualidade na educação infantil: uma perspectiva ecológica na análise de indicadores em documentos brasileiros e estrangeiros**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos **Jogo de papéis: uma perspectiva de análise do desenvolvimento humano**. 1988. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1988.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. The concept of role as unit of analysis of young peers' interactions. In: Seth CHAIKLIN (Ed.), **The theory and practice of cultural-historical psychology** Aarhus (Dinamarca): Aarhus University Press, 2001. p. 124-134.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. **Jogo de papéis: um olhar para as brincadeiras infantis**. São Paulo, Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Propostas para o atendimento em creches no município de São Paulo. Histórico de uma realidade. In: Fulvia ROSEMBERG, **Creche**. São Paulo, FCC/Cortez, 1989. p. 28 – 89.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 87, p. 62-70, 1993.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos; VALSINER, Jaan. Play and imagination: The Psychological Construction of Novelty. In, Alan. FOGEL, Maria LYRA E Jaan. VALSINER. **Dynamics and Indeterminism in Developmental and Social Processes**. New Jersey: Lawrence Associates, 1997. p. 119-134.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. *et al.* **Creches:** crianças, faz de conta e cia. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Comida, diversão e arte.** O coletivo infantil em situação de alimentação na creche. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1994.

PEDROSA, Maria Isabel **Interação criança-criança:** um lugar de construção do sujeito. 1989. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1989.

PIOTTO, Débora Cristina. *et al.* Promoção da qualidade e avaliação da educação infantil: uma experiência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 105, p. 52-77, 1998.

POLITZER, George. **Crítica dos fundamentos da Psicologia:** a Psicologia e a Psicanálise. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1928/2004.

RAYNA, Sylvie. Étude de la communication preverbale entre jeunes enfants. **Pediatric**, v. 42, n. 9, p. 711-714, 1987.

RODRIGUES, Luciana. A. **A constituição de sujeitos da linguagem em bebês com e sem deficiência auditiva.** 2007. Monografia de Bacharelado (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2007.

RORIZ, Ticiania Melo de Sá; AMORIM, Kátia de Souza; Rossetti-Ferreira Maria Clotilde. Inclusão social/escolar de pessoas com necessidades especiais: múltiplas perspectivas e controversas práticas discursivas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 167-194, 2005.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A Pesquisa na Universidade e a Educação da Criança Pequena. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 67, p. 59-63, 1988.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares; OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38 n. 133, p. 147-170, 2008.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 437-464, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; VITÓRIA, Telma. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-44, 1994.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; VITÓRIA, Telma. Emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche. **Coletâneas da ANPPEP**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 111-143, 1996.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; VITÓRIA, Telma. Integração família e creche – o acolhimento é o princípio de tudo. **Estudos em Saúde Mental**, Ribeirão Preto, p. 107-131, 1997.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares. Network of Meanings: A Theoretical-Methodological Perspective for the Investigation of Human Developmental Processes. In, J. Valsiner & A. Rosa (Eds.) **Cambridge Handbook of Socio-cultural Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 277-290.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 281-293, 2000.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares; Ana Maria Almeida CARVALHO (Orgs.) **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares. Alguns conceitos básicos. In: M. C. Rossetti-Ferreira *et al.* (Orgs.) **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 22-33.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *et al.* Approaching adoption and foster care in Brazil. **Adoption & Quarterly**, Londres, v. 11, n. 1, p. 66-77, 2008.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; COSTA, Nina Rosa do Amaral. Construcción de vínculos afectivos en contextos adversos de desarrollo: importancia y polémicas. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 16, n. 395 (2), 2012. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-395/sn-395-2.htm>.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; SERRANO, Solange Aparecida; ALMEIDA, Ivy Gonçalves. (Orgs) **O Acolhimento Institucional na Perspectiva da Criança**. São Paulo: Hucitec, 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *et al.* **Os fazeres na educação infantil**. 12º Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

RUTANEN, Niina. **Water in action: encounters among 2 to 3 year old children, adults and water in day care**. Helsink: University of Helsink Press, 2007.

SANTOS, Natália Meireles; AMORIM, Kátia de Souza. A construção do fluxo locomotor em processos interativos bebê-bebê. **Psicologia em Pesquisa**. Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 1-11, 2018.

SCORSOLINI-COMIN, Fábio; AMORIM, Kátia de Souza. Em meu gesto existe o teu gesto: corporeidade na inclusão de crianças deficientes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 261 – 269, 2010.

SECAF-SILVEIRA, Regina Elisabete. *et al.* Oportunidades de contato entre o adulto e a criança em creches. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 158, n. 4, p. 130-163, 1987.

SERRANO, Solange Aparecida. **O abrigamento de crianças de 0 a 6 anos de idade:** caracterizando esse contexto. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Ana Cecilia Oliveira. **Acampamentos e assentamentos rurais como contextos de educação compartilhada das crianças de 0-6 anos.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 2016.

SILVA, Ana Paula Soares. **Espaço rural e relações intergeracionais:** considerações a partir de uma experiência em assentamento da reforma agrária. 2016. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2016.

SILVA, Ana Paula Soares. *et al.* Prática comunitária e o trabalho do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com crianças e adolescentes em Ribeirão Preto/SP - Brasil. **Global Journal of Community Psychology Practice**, Wichita, v. 7, n. 1S, p. 1-22, 2016.

SILVA, Fernanda Lacerda; SOLON, Lilian Almeida Guimarães; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A perspectiva da criança sobre seu processo de abrigamento. *In: Anais do XIII Encontro Científico do CINDEDI*, Ribeirão Preto: CINDEDI, 2008. p. 11-12.

SILVA, Juliana Bezzon. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo:** contextos e significações. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2012.

SÓLON, Lilian Almeida Guimarães. **A perspectiva da criança sobre seu processo de adoção.** 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 2006.

SÓLON, Lilian Almeida Guimarães; COSTA, Nina Rosa Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Conversando com crianças. *In: Silvia Helena Vieira Cruz (Org.). A criança fala. A escuta de crianças em pesquisa.* São Paulo: Cortez, 2008. p. 204-224.

STAMBAK, Mira; VERBA, Mina. Organization of some social play among toddlers: an ecological approach. *In, E. Mueller; C.R. Cooper (Orgs.). Process and outcome in peer relationships.* New York: Academic Press, 1986. p. 229-247.

YAZLLE, Claudia Helena Diógenes. **Pré-escolas convivendo com a paralisia cerebral.** Uma análise do processo de inclusão/exclusão. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental), Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, 2000.

YAZLLE, Claudia Helena Diógenes; AMORIM, Kátia de Souza; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A RedSig como recurso metodológico na investigação do processo de

inclusão de crianças portadoras de paralisia cerebral na pré-escola. In: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira *et al.* (Org.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 190-206.

VALSINER, Jaan. **Culture and the Development of Children's Actions**. Great Britain: John Wiley & Sons, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 21-44, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 863-869, 2011.

WADDINGTON, Conrad Hal. **Principles of Development and Differentiation**. New York: MacMillan, 1957.

WALLON, Henri. Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. In: Maria José Garcia. WEREBE; Jacqueline. NADEL-BRULFERT (Orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1959. p. 168-178.

WHITE, Elizabeth Jayne. *et al.* Expectations and emotions concerning infant transitions to ECEC: international dialogues with parents and teachers, **European Early Childhood Education Research Journal**, London, v. 28, n.3, p. 363-374, 2020.

NOTAS

40 ANOS DE ATUAÇÃO DO CINEDI A CONSTRUÇÃO DE QUESTÕES E METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS PEQUENAS, EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO COLETIVA

40 years of CINEDI's performance: The construction of questions and methodologies for the investigation of the development of small children, in the context of collective education

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

Doutora em Psicologia

Professora Emérita

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

Ribeirão Preto- São Paulo

mcrferre@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1160-4796>

Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

Doutora em Psicologia Experimental

Livre-docente em Psicologia do Desenvolvimento

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Departamento de Psicologia. Universidade de São Paulo

Ribeirão Preto, Brasil

zilmaoliveira@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-8704-5030>

Katia de Souza Amorim

Doutora em Saúde Mental

Professora Associada do

Departamento de Educação, Informação e Comunicação – FFCLRP

Universidade de São Paulo

Ribeirão Preto, Brasil

katiamorim@ffclrp.usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-0544-6370>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. Rua: Bernardino de Campos, 786, apartamento 94, Cep: 14015-130. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial às colegas que colaboraram não só na construção do trabalho do CINEDI, como também contribuíram bastante na elaboração deste relato: Ana Paula Soares da Silva, Nina Rosa de Amaral Costa e Ana Maria Araújo Mello. Agradecimentos ainda aos inúmeros estudantes e profissionais que participaram dos processos de fazer pesquisa, extensão e política, ao longo de toda essa trajetória. Agradecimento à FAPESP, CNPq, CAPES, INEP e USP, por auxílios e bolsas que possibilitaram a atuação e a produção do CINEDI. Agradecimentos às instituições que autorizaram a realização das pesquisas, colaborando com o desenvolvimento dos projetos de investigação; e, ainda, às famílias, professoras e crianças que generosamente participaram dos inúmeros estudos.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M.C. Rossete-Ferreira, Z. M. R. Oliveira, K. S. Amorim

Coleta de dados: M.C. Rossete-Ferreira, Z. M. R. Oliveira, K. S. Amorim

Análise de dados: M.C. Rossete-Ferreira, Z. M. R. Oliveira, K. S. Amorim

Discussão dos resultados: M.C. Rossete-Ferreira, Z. M. R. Oliveira, K. S. Amorim

Revisão e aprovação: M.C. Rossete-Ferreira, Z. M. R. Oliveira, K. S. Amorim

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

FAPESP, CNPq, CAPES, INEP e USP.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES:

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 15-01-2021 – Aprovado em: 10-06-2021